

Índios sob tensão no Ribeira

ITARIRI — Para defender uma faixa de terra que ocupam há anos, os índios guaranis da Aldeia do Itatins (chamada de Araribá), em Itariri, estão dispostos a pegar em armas. Isto porque o madeireiro Waldemar Alves da Silva (conhecido como Waldemar Baiano) anunciou que vai abrir uma estrada na área, da qual possui título de domínio.

A faixa de terra que pode gerar conflito tem cerca de 300 hectares e está fora da reserva que foi destinada aos índios guaranis pelo decreto número 41.538, de 28 de janeiro de 1963. Mas os guaranis consideram que a área lhes pertence, mesmo porque mantêm ali um plantio de subsistência e nas proximidades está situado o seu cemitério sagrado, além de algumas casas.

Há alguns anos essa área foi negociada em lotes pelo antigo Serviço de Colonização, assumido depois pela Secretaria da Agricultura que, na época, não respeitou a ocupação anterior dos indígenas. Mas os proprietários nunca chegaram a tomar posse efetiva da terra, pois os índios não permitiram.

Waldemar Baiano, no entanto, anuncia agora que tomará essa ati-

tude. Ele já está plantando e abrindo a estrada na margem direita do Rio do Azeite (para escoar madeira) e informa que prosseguirá pela margem esquerda, justamente na faixa que os índios se consideram donos.

Na opinião de integrantes do Conselho Indigenista Missionário (CIMI), que vem acompanhando de perto a questão, é provável que o madeireiro também motorista de táxi, já tenha recebido a informação de que o Governo tem intenção de considerar nulos os títulos de domínio dos lotes negociados anteriormente pelo antigo Serviço de Colonização.

Dai o interesse de Waldemar Baiano em apressar-se para conseguir desmatar as terras ainda cobertas por matas virgens, a fim de aproveitar toda a madeira. Sabe-se, inclusive, que há um pedido para desmatamento da área em tramitação na Divisão de Proteção de Recursos Naturais — DPRN.

A ALDEIA

Atualmente, vivem na Aldeia do Itatins cerca de 15 famílias guaranis, sob o comando do índio capitão Fernando Branco. Os índios guaranis

estabeleceram-se em Itariri em 1924, época em que ocuparam grande área no Bairro do Araribá. Mas em seguida, com a chegada dos japoneses à região, o Serviço de Imigração e Colonização loteou as terras e os índios foram jogados para a serra, onde há pouca área apropriada à agricultura.

No Governo Montoro é que a aldeia dos guaranis, com 809,2 hectares, começou a ser demarcada pela equipe do convênio PPI/Sudelpa, com o apoio do Conselho Indigenista Missionário. Pouco antes desse trabalho, que ainda não foi concluído, aconteceram algumas invasões na área de reserva indígena, problema este que foi solucionado com o início da demarcação.

Mas ainda resta a ameaça de conflito na área que está fora da reserva e tem títulos de domínio entregues a terceiros, como Waldemar Baiano. Para resolver essa questão, o coordenador do convênio PPI/Sudelpa, Denison Luiz de Oliveira, acredita que deve ser adotada uma solução política. E fala da hipótese de desapropriação da área para doação aos índios.

O Grupo da Terra, da Sudelpa, também foi chamado para intervir no

caso. O advogado Antônio Teleginski, integrante do grupo, tenciona entrar em contato com o advogado Marco Antônio Barbosa, especializado em questões indígenas, para sugerir "o imediato ingresso de uma ação possessória e nulidade dos títulos em área ocupada pelos índios, com base na Constituição Federal, artigo 198. Ali reza que não são alienáveis as terras habitadas por silvícolas, cabendo a eles a sua posse permanente, sendo reconhecido o seu direito ao usufruto das riquezas naturais e de todas as utilidades nelas existentes".

O parágrafo primeiro do artigo 198 da Constituição Federal estabelece, ainda, que fica declarada a nulidade dos efeitos jurídicos de qualquer natureza que tenha por objeto o domínio ou ocupação de terras habitadas pelos silvícolas.

E, enquanto o Governo estuda as alternativas de solução, os índios guaranis preparam-se para resolver o problema à sua maneira: garantem que vão pegar em armas se a cerca por eles construída, na margem esquerda do Rio do Azeite, for rompida pelos homens de Waldemar Baiano para a abertura da estrada.